

REFLEXÕES SOBRE ABORDAGENS E MANUAIS DE ENSINO DE LATIM

Gabriela Barboza

RESUMO[®]

Neste trabalho, apresentamos um levantamento de propostas metodológicas para o ensino/aprendizagem do latim no Brasil em diferentes momentos, através da análise dos prefácios de livros didáticos produzidos desde a passada década de 40 até as publicações mais recentes, em 2006. Pretendemos, com este material, ampliar a reflexão sobre abordagens metodológicas e objetivos do ensino do latim nos Cursos de Letras. O ponto inicial para a análise dos manuais que compõem a amostra selecionada é a história do latim, língua modelo segundo a qual as demais línguas ocidentais começaram a ser estudadas.

PALAVRAS-CHAVE: abordagens metodológicas, latim, manuais de ensino

INTRODUÇÃO

Desde a época das conquistas territoriais feitas pelos romanos, passando pela Idade Média, até a época em que se firmaram as línguas vernáculas européias, como o francês, o inglês e o italiano, o latim era a língua dominante na educação, no comércio, na religião, no direito e na administração. Só mais tarde, com as mudanças políticas que ocorreram na Europa, o latim foi aos poucos perdendo seu lugar para as novas línguas, as quais passaram a ser estudadas nas modalidades escrita e oral. O latim permaneceu por um longo tempo sendo a língua da Igreja, mas já bastante modificado, muito diferente da língua em que foram escritas as grandes obras da literatura latina do período clássico. (SANTANA, 2004)

De acordo com CESTARO (2006), os métodos de ensino do latim, através de traduções e estudos gramaticais, serviram de base para o estudo sistemático das línguas modernas. A chamada metodologia tradicional, também conhecida como método da *Gramática-Tradução*, utilizada para ensinar as línguas clássicas, é a mais antiga forma de pôr o estudante em contato com uma língua. Tinha por objetivo transmitir conhecimentos sobre a língua e o domínio da Gramática Normativa. O dicionário e o livro de gramática eram instrumentos muito úteis de trabalho. A

aprendizagem de uma língua sob essa ótica se dava através da memorização de regras e exemplos, a fim de se dominar a morfologia e a sintaxe. As atividades propostas centravam-se em aplicação de regras gramaticais. Quanto à relação em sala de aula, prevalecia a autoridade do professor.

Este Método de gramática e tradução, com o qual se ensinava o grego e o latim, foi trazido ao Brasil pelos jesuítas, no século XVI, e está presente em muitos livros produzidos e difundidos aqui. A Companhia de Jesus teve um importante papel na história do ensino do Latim no Brasil. Sua presença, segundo TUFFANI (2000/2001, p. 392), se confundia com a instrução nos primeiros séculos da Colônia, pois os jesuítas faziam da educação sua bandeira. Após Marquês do Pombal ter expulsado a Ordem dos Jesuítas, o ensino no Brasil passou por uma fase de desorganização, só voltando a se reestruturar em 1772, quando então Latim e Grego integraram as cadeiras régias de nível secundário.

Conforme TUFFANI (2000/2001), o ensino do latim no Brasil, desde o período colonial até o surgimento dos primeiros cursos superiores de Letras, teve seu espaço nos cursos ginasiais e secundários. A partir de 1934, com a implantação das Faculdades de Letras, o latim ganhou espaço também no nível superior e superou os demais níveis a partir dos anos 60/70, em que se tornou facultativo e aos poucos deixou de ser oferecido no secundário. Apenas estabelecimentos tradicionais, como o Colégio Pedro II e os Seminários, conservaram-no em seus currículos.

A seguir, descreveremos os pontos de vista e as propostas de ensino expostas nos prefácios dos manuais didáticos/gramáticas de língua latina dos autores selecionados. A escolha dos autores mais antigos, como Milton Valente, Vandick Londres da Nóbrega e Napoleão Mendes de Almeida, foi feita com base na sua divulgação e número de edições que tiveram suas obras. Isto demonstra o prestígio que tiveram os referidos autores e a adequação de suas propostas às exigências da época em que publicaram seus trabalhos. Os autores mais recentes, entre eles Janete Garcia, Antonio Martinez de Resende e Oswaldo Furlan, foram selecionados por apresentarem, por sua vez,

propostas adequadas aos novos tempos e ao novo público que estuda latim, hoje restrito praticamente aos cursos de Letras com habilitação em Português.

1 Padre Milton e o *Ludus*

É difícil precisar o número de alunos que tiveram contato, durante seus anos de curso ginásial, com os quatro volumes do *Ludus*, de autoria do Superior Jesuíta Padre Milton Luís Valente. (VALENTE, 1949)

Na lição introdutória ao *Ludus Primus*, o autor faz uso de diversos argumentos que possam convencer o aluno da importância de aprender latim. Ele afirma que, de cada cem palavras que pronunciamos, mais de oitenta são latinas. Define como alguns dos fins do seu curso conhecer o povo, suas idéias, seus combates e conquistas, enfim, toda a história e cultura da civilização latina. Faz um breve relato histórico da constituição do berço das línguas neolatinas.

Em um segundo tópico, apresenta os motivos pelos quais se deve estudar latim. Defende que o conhecimento do Latim fará com que se saiba o significado não apenas de palavras portuguesas mas de muitas outras línguas românicas. Também afirma que, com o latim, será possível compreender nomes e citações que se encontram em muitos autores de Literatura.

Argumenta sobre o fato de o latim auxiliar na compreensão da Língua Inglesa, postulando que, das vinte mil palavras mais freqüentes no Inglês, mais da metade são derivadas do latim. Além disso, também ajudará no estudo das ciências; por exemplo, a ciência jurídica se baseia no Direito Romano e, sem conhecimento do latim, a compreensão da lógica da base jurídica torna-se difícil.

Assim como outros latinistas, Valente ressalta algumas qualidades que poderão ser adquiridas com o desenvolvimento do estudo da língua latina, tais como a observação, o raciocínio, a persuasão e a capacidade de fazer julgamentos com critério e aguçar a inteligência. Compara a inteligência dos alunos com uma pedra preciosa que necessita ser lapidada, e esse seria o ofício do Latim: tornar esta pedra polida.

Em um outro tópico, desenvolve seu método de estudo do Latim. Primeiramente, afirma que o método é a chave mestra para compreender e dominar essa língua. Afirma que se deve ler antecipadamente a lição que será explicada pelo professor. Orienta os alunos para que leiam e tentem atribuir sentido novo a ela. Admite que eles possam encontrar dificuldades, mas salienta que devem buscar informações que

os possam ajudar a superá-las, seja em gramáticas, seja em vocabulários.

Se, durante a leitura prévia, o aluno não conseguiu compreender toda a lição, o autor sugere que ele preste a máxima atenção à explicação do professor. Caso a dúvida ainda não seja sanada, deve expor seu problema, a fim de que seja esclarecido. O autor sugere que, após a aula, o aluno repita a lição aplicada estudando o vocabulário. Fundamenta que a aprendizagem do Latim se dá por um processo gradativo e lento e não se pode pular etapas. Ao final, argumenta que o Latim fará do interlocutor um homem culto e de bem.

Três anos depois, em 1952, no prefácio do *Ludus Secundus*, já adaptado à reforma de 1951¹, ele repete os conselhos dados no *Ludus Primus* e destaca o objetivo do livro, que é o de tornar agradável a aprendizagem da "nossa língua-mãe". Esta seria, também para os brasileiros, o latim: "Dedica-vos, com afincos, a este venerável idioma. Ele vos tornará homens cultos, ministrando-vos conhecimento mais profundo e amplo da nossa língua, da nossa história, e do caráter da nossa raça latina." (VALENTE, 1952, p.3)

2 Vandick Londres da Nóbrega e a humanização através do latim

Sobre a reforma de 1951, Vandick Londres da Nóbrega, em sua introdução ao livro *Metodologia do Latim: vida cotidiana e instituições*, faz uma crítica à reforma do ensino que suprimiu o Latim no curso secundário. Afirma que os sancionadores de tal lei não possuem uma noção muito clara da contribuição do Latim para a "formação da personalidade e para preservar as raízes da nossa civilização".

O autor, em seu discurso ferrenho, afirma que este ato foi um atentado contra a formação cultural e humanística da juventude. Cita exemplos de países como a Itália, que reagiu perante a reforma do ensino. Enumera diversas situações em que o Latim é utilizado, como por exemplo, a Universidade de Harvard, que havia decidido que seus diplomas não mais fossem redigidos em inglês, mas em latim; ou também a inquestionável importância de um conhecimento mínimo de latim em qualquer que seja o campo científico. Na segunda edição do livro, o autor define quais serão as normas que poderiam ajudar no que ele chama de "combate nessa cruzada em defesa do humanismo, não em defesa do Latim, mas do destino e do futuro da Pátria brasileira". (NÓBREGA, 1962).

No prefácio à primeira edição, argumenta que o Latim está presente na maioria das relações de que participamos, bem como em costumes, sistema jurídico, obras literárias, entre

outros. Relata o motivo pelo qual aceitou elaborar um trabalho destinado a orientar o ensino do Latim nas escolas secundárias. Ao fazer isso, critica os “professores que *mumificam* o Latim e não sabem ou não conseguem despertar o interesse nos alunos”. Segundo ele, esses são os responsáveis para que os alunos desenvolvam uma verdadeira aversão ao Latim. Critica os legisladores que desejavam banir esta língua, mas afirma que o progresso se dará, de fato, quando, nas escolas secundárias, o Latim passar a ser ministrado com seriedade e competência. Sua posição é a de que o Latim é imprescindível nas escolas secundárias brasileiras.

Mais adiante, descreve a ordem que seguirá em seu livro *A presença do latim*. No primeiro ano, será abordada a Morfologia elementar, para que o aluno perceba os mecanismos da língua. No segundo ano, será iniciado o estudo da sintaxe. Sugere, como material, cartas fáceis de Cícero e fábulas de Fedro. Já no terceiro ano, irá explanar sobre a sintaxe dos casos, o discurso direto e o período composto. Como material aponta excertos de Ovídio e César. Confrontando textos de Virgílio e Cícero, será aprofundado no quarto ano um estudo crítico da Morfologia e Sintaxe nominal e verbal. No último ano, o ensino será dividido em dois grupos: os que pretendem e os que não pretendem fazer curso superior. O importante, aqui, segundo ele, é incentivar a leitura dos clássicos, tendo em vista a futura profissão do aluno.

Ao término do prefácio, postula que, se os alunos utilizarem os três volumes de *A presença do Latim*, contribuirão, como disse Montaigne, “para fornecer à Pátria e à causa da Humanidade cidadãos dotados antes de uma cabeça bem feita do que perturbada pelo acúmulo de conhecimentos desordenados.” (Idem, p. 24).

3 Napoleão Mendes de Almeida e a *Gramática latina*

Na década de 40, Napoleão Mendes de Almeida, um gramático, filólogo e professor brasileiro de português e latim, publicou a *Gramática Latina*. Apesar de todas as críticas que recebeu, a obra continua sendo comercializada, e em 2006, chegou à 44ª edição.

No prefácio da sua *Gramática latina*, “A verdadeira importância do Latim”, segundo o autor, é falso o pensamento de que o estudo desse idioma tem como principal finalidade o benefício ao aprendizado do Português. Citando o professor Albanese², que havia dito “Dêem-me um bom aluno de Latim, que farei dele um

grande matemático”, o autor afirma que a primeira importância do estudo do Latim está no auxílio à agilidade/melhora de raciocínio. (ALMEIDA, 1968, p.7)

Menciona ainda o fato de que quem se destina aos estudos superiores na Áustria estuda sete anos o Latim e faz uma crítica ao ensino brasileiro, no qual a rudeza do aluno é tamanha que este se preocupa com outras coisas que não os estudos.

O autor cita outras habilidades desenvolvidas através do estudo do Latim, como o “hábito da análise, o espírito de observação, a educação do raciocínio.” Afirma também que ensinar é dar liberdade de pensamento ao aluno e que o professor é apenas um guia. Defende que o Latim é importante também na formação do espírito e do intelecto. Vai além e enumera mais qualidades que o estudante de Latim pode adquirir: melhor observação, concentração de espírito, atenção, desenvolvimento do espírito analítico, calma, ponderação. Estes dois últimos, acrescidos de método, segundo Napoleão, são fatores necessários para que se aprenda latim.

Faz uma crítica à reforma do ensino secundário, em que algumas pessoas renomadas afirmavam que “o latim é inútil para as meninas, porque elas não vão rezar missa”. Dessa forma, subentende-se que Latim só servia para padres. A partir da crítica, evidencia algumas das possíveis causas do repúdio ao Latim, entre elas o despreparo dos professores que iriam ministrar a disciplina. Contesta o fato de alguns professores darem trechos para serem traduzidos sem o conhecimento mínimo necessário, tanto por parte dos alunos quanto por parte do próprio professor.

Na parte final do prefácio, apresenta a sua proposta metodológica de ensino de latim, muito mais preocupado com o aprendizado do português do que com o do latim. Ao verificar que a principal causa da pobreza de conhecimento dos alunos a respeito das regras lingüísticas se deve à dificuldade de análise sintática do Português, ele propõe questionários e exercícios que possam fazer com que o aluno aprenda de modo gradual “os princípios fundamentais de análise sintática do período português”. Ele questiona o fato de ensinar os tópicos da gramática sem que o aluno entenda os conceitos: “Como obrigar um aluno a decorar a conjugação total de um verbo se ele não sabe o que é participio presente, o que é gerúndio, o que é supino?” Finalizando, afirma que Português e Latim devem voar juntos, não se pode dissociá-los.

Napoleão aconselha que o aprendiz deve “saber de cor” cada passo dado antes de passar ao próximo, mas antes de decorar é preciso que entenda o que está aprendendo. Na abertura da

Gramática, antes de introduzir o caso nominativo, ele adverte: "Peço ao aluno a máxima atenção para as quatro primeiras lições. Quem não as estudar convenientemente jamais poderá compreender o mecanismo do latim." (Idem, p.13)

4 E hoje, qual seria a melhor forma de aprender latim?

Em 1962, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação tornou facultativo o ensino do Latim, que, a partir daí, caminhou para sua quase total extinção. Por volta de 1970, o ensino de Latim se reduzia a seminários e cursos de Letras, desaparecendo quase por completo em comparação às décadas anteriores. Sequer nas universidades católicas a graduação em Língua Latina se manteve. (TUFFANI 2000/2001, p.399)

Em 1996, o Latim tornou-se facultativo também no Ensino Superior, deixando muitos profissionais de Letras, inclusive de Língua Portuguesa, sem a mínima noção do funcionamento deste idioma. Em várias Universidades, as licenciaturas em Letras que conseguiram mantê-lo no currículo mínimo tiveram que reduzir a carga horária, tendo em vista a grande quantidade de conteúdos de outras matérias que, nos tempos modernos, é preciso acrescentar.

Com apenas sessenta horas, ou até mesmo trinta, em um semestre, o professor de latim hoje precisa de materiais simplificados, que contenham as noções básicas da estrutura da língua e exercícios bastante acessíveis aos alunos.

4.1 Janete Garcia: enfoque na prática do latim

A professora Janete Melasso Garcia, da Universidade de Brasília, no início dos anos 90, publicou o livro *Introdução à teoria e prática do Latim* (GARCIA,1993), que foi adotado por muitos professores por se adequar exatamente ao tempo breve que o aprendizado do latim passou a ocupar. A autora apresenta nesse livro o produto de um projeto de pesquisa de língua latina no Curso de Letras da UNB. O objetivo do trabalho foi produzir material didático para os cursos regulares de Latim I na graduação.

A ênfase do trabalho é dada à prática, à leitura, compreensão e tradução de textos latinos, tendo como meta ensinar o aluno a "raciocinar e refletir sobre a língua latina como um sistema lingüístico". Nesse material são abordadas a morfologia verbal e nominal, com teoria e prática.

4.2 Antonio Martinez de Resende e a *Latina essentia*

O professor Antonio inicia seu texto defendendo a tese de que o latim não é uma língua morta, mas que a parte do latim que está morta é a dos textos literários, dos tratados filosóficos, documentos, enfim, afirma que está morto o Latim Clássico. Para comprovar isso, destaca que as línguas românicas são sobrevivências de uma variante do latim, o latim vulgar. Por isso sua posição é a de que o latim não está morto. (RESENDE, 1996)

O autor se propõe, no livro, a trabalhar com o Latim Clássico. Inicia esse ponto afirmando que o trabalho foi pensado para ser a motivação de quem deseja aprender latim. Afirma que nos encontramos em um momento de extremos: apesar da qualidade inquestionável dos clássicos latinos, a falta de preparo dos estudantes lhes dificulta o acesso à leitura de tais obras. Parte do princípio de que, para aprender latim através de uma Gramática, é preciso que o aluno possua um bom domínio de sua língua materna. Encerra afirmando que este não será um estudo sistematizado, mas uma preparação ao estudo da língua. Do mesmo modo, começa a apresentar a metodologia que utilizou na confecção de seu livro. Diz que o objetivo não é levar o aluno a escrever em latim, mas possibilitar a compreensão de textos clássicos latinos.

4.3 Oswaldo Furlan e o resgate da cultura latina

No prefácio do livro *Latim para o português: gramática, língua e literatura* (FURLAN, 2006), o Prof. Oswaldo Furlan, da Universidade Federal de Santa Catarina, defende a tese de que é de grande importância que se conheça a língua e a literatura latina, para que se compreendam melhor as línguas neolatinas e suas respectivas literaturas. Traça um panorama das línguas românicas dando ênfase à "última flor do Lácio, inculta e bela", que é a língua portuguesa. Também afirma que as gramáticas de língua latina influenciaram as gramáticas modernas de cunho tradicional. Em seu panorama, diz que o latim reproduz a cultura de um dos mais influentes impérios de toda a história ocidental. Exemplifica com lugares onde o latim ainda é utilizado e a sua importância, corroborando sua tese.

Em um outro momento, apresenta algumas falhas encontradas no ensino tradicional do latim, como o despreparo dos docentes, carência de livros didáticos e inadequação dos métodos. Afirma que, devido a essa série de fatores, foi promulgada a Lei de

Diretrizes e Bases da Educação, em 1961, década em que a Lingüística crescia no Ocidente. Com esta lei, os problemas somente aumentaram, pois desmotivou ainda mais a produção de material didático e o interesse pelo latim. Na tentativa de reduzir o prejuízo, o MEC, em 1986, posicionou-se pela reintrodução do latim no ensino médio, a fim de que os alunos tivessem uma compreensão mais lúcida da própria língua portuguesa.

Finalmente, o autor esclarece os objetivos do seu livro, afirma que pretende seguir à risca as "diretrizes" do MEC e que o livro possui um quadro panorâmico sobre história e a influência da língua; também possui descrições da gramática latina, exercícios de análise e compreensão de textos. Define o público-alvo do seu livro como alunos de Letras Latinas e Neolatinas, alunos de Direito, Teologia, Filosofia e a quem mais interessar.

5 Considerações finais

Esta breve análise dos prefácios dos manuais/gramáticas de ensino de latim nos permitiu constatar a importância dada ao preparo do professor deste idioma associado a abordagens e materiais adequados ao público alvo. Na década de 40, conforme TUFFANI (2000/2001), após a Lei Capanema, de 1942, ter ampliado para sete anos o ensino do latim no secundário, como não havia número suficiente de professores habilitados, improvisou-se para suprir a demanda, permitindo que licenciados em Letras Neolatinas e Anglo-Germânicas também lecionassem Latim, o que surtiu efeito negativo no aprendizado da língua, segundo o autor, por causa do despreparo dos professores. Esta idéia tem sido compartilhada com outros autores que realizaram estudos acerca do ensino do Latim, como defendeu MIOTTI (2006), recentemente, em sua Dissertação:

Se o latim passou por uma séria crise na década de sessenta, em boa parte isso não foi culpa apenas dos modismos da época. Sabe-se que alguns dos professores do antigo ginásio faziam os alunos simplesmente decorar os textos estabelecidos pelos programas sem que compreendessem de fato o que decoravam. Em muitos casos, sequer chegavam aos textos porque a maioria dos métodos se fundava, nas etapas iniciais, em frases desprovidas de contexto e em uma tradição de ensino sobrecarregada de descrições gramaticais.

CONCLUSÃO

Conforme observamos nos manuais de ensino publicados a partir dos anos 1990 e 2000, o objetivo principal das propostas dos

professores/autores é o resgate cultural que o conhecimento do latim proporciona às novas gerações através do acesso aos textos produzidos por autores clássicos, sem contudo perder de vista a influência da gramática latina nas gramáticas das línguas românicas. Nota-se que há uma preocupação maior com o estudo do texto e não mais com fragmentos utilizados apenas como pretexto para análise morfosintática. Em termos de materiais e métodos, o ensino/aprendizagem do latim apresenta hoje maior motivação se comparado ao de meio século atrás. Atualmente, a tendência dos manuais é de constituírem um material de apoio às aulas de língua e cultura latina, que estão sendo ministradas em um único semestre, em muitos Cursos de Letras, devido à redução da carga horária que os conteúdos sofreram nos novos currículos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Latina** 12.ed. São Paulo: Saraiva, 1968.

CESTARO, Selma Alas Martins. **O ensino de Língua Estrangeira: História e Metodologia**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte/USP. Disponível em: <<http://www.hottopos.com.br/videtur6/selma.htm>> Acesso em: 06 dez. 2006.

FURLAN, Oswaldo. **Latim para o português: gramática, língua e literatura**. Florianópolis: EDUFSC, 2006.

GARCIA, Janete Melasso. **Introdução à teoria e prática do Latim**. Brasília: EDUNB, 1993.

MIOTTI, Charlene Martins. **O ensino do latim nas universidades públicas do Estado de São Paulo e o método inglês Reading Latin: um estudo de caso**. Campinas: UNICAMP, 2006. (Dissertação de Mestrado). Disponível em:

<<http://www.libdigi.unicamp.br/document/?view=vtls000377335>> Acesso em: 06 dez. 2006

NOBREGA, Vandick L. da. **Metodologia do Latim: vida cotidiana e instituições**. 2.ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1962.

REZENDE, Antonio Martinez de. **Latina essentia**. 2.ed. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

SANT.ANA, Juliana. **Uma forma diferente de aprender inglês nas escolas municipais de Florianópolis**. Florianópolis: UFSC, 2004. (Tese de Doutorado)

TUFFANI, Eduardo. *Os estudos latinos no Brasil. Clássica*: São Paulo: 2000/2001, .v. 13/14, p. 393-402,

VALENTE, Milton Luís. **Ludus Primus**. Porto Alegre: Selbach, 1949.

_____. **Ludus Secundus**. Porto Alegre, Selbach, 1952.

NOTAS

© Este estudo é a parte inicial do Projeto "O ensino de latim nos Cursos de Letras de Santa Maria", que está sendo desenvolvido junto ao Departamento de Letras Clássicas e Lingüística da UFSM, sob orientação da Prof^a Leila Teresinha Maraschin.

Gabriela Barboza é aluna do 4º semestre do Curso de Letras da Universidade Federal de Santa Maria e bolsista do FIPE.

¹ A reforma de 1951 reduziu ainda mais o ensino do latim.

² Giacomo Albanese, matemático italiano que chegou ao Brasil em 1936 para ministrar aulas de geometria.